

GRIMORIO: A TRADUÇÃO NOS LIMITES DE “PROSA”

Álvaro FALEIROS¹

- **RESUMO:** Este artigo visa discutir a tradução do termo *grimoire*, central na concepção de linguagem de Mallarmé, por meio do poema intitulado “prosa” e de suas quatro traduções para o português. Para tal, é necessário debruçar-se, primeiramente, sobre o referido termo e sobre seus significados na obra de Mallarmé para, em seguida, discutir opções tradutórias.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Mallarmé. Tradução poética. *Grimoire*. Grimório.

O poema “Prosa” de Mallarmé e o *grimoire*

Júlio Castañon Guimarães (2007) faz uma síntese bastante completa das análises do poema “prosa”, por ele também traduzido. Trata-se, para muitos comentadores, de um dos textos mais difíceis e enigmáticos de Mallarmé, uma espécie de “quebra-cabeça absoluto”. Guimarães retoma a síntese feita por Austin (1989, p.170) para quem:

Sob a forma de uma viagem imaginária, feita pelo poeta e sua irmã [no sentido da mulher amada], em uma ilha onde crescem imensas flores, o poema evoca o nascimento da vocação poética em todo seu frescor, oposta ao artifício da poesia erudita, que busca operar a ressurreição da beleza mortal e lhe assegurar imortalidade poética².

Esse longo poema octossilábico, formado por quatorze quadras com rimas alternadas, é, segundo Guimarães (2007, p.73) uma espécie de “arte poética” mallarmeana. Nela, a ambigüidade do termo “*prose*” – que significa tanto narrativa, quanto hino –, de certa forma, anuncia a complexa relação que se desenha no poema – e na concepção de linguagem mallarmeana – entre o divino e a palavra.

¹ Prof. Dr. de Literatura Francesa. USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras Modernas. São Paulo – SP – Brasil. 05508-900 – alvarofaleiros@terra.com.br

Artigo recebido em 14.01.2009 e aprovado em 10.04.2009.

² Tradução de J. C. Guimarães. As traduções são minhas, salvo indicação.

No poema, as duas primeiras estrofes funcionam como introdução, depois das quais, para Noulet (1974, p.254), inicia-se uma pintura da “misteriosa aventura da criação poética”. É precisamente nesse início que surge o termo *grimoire*:

*Hyperbole! De ma mémoire
Triomphalement ne sais-tu
Te lever, aujourd'hui grimoire
Dans le livre de fer vêtu :*

Hipérbole! De minha memória
Triunfalmente não tens sabido
Erguer-te, hoje grimoire
No livro de ferro vestido:

*Car j'installe, par la science,
L'hymne des cœurs spirituels
En l'œuvre de ma patience,
Atlas, herbiers, rituels.*

Pois instalo, pela ciência,
O hino de corações espirituais
Na obra de minha paciência,
Atlas, herbários, rituais³.

Para refletir sobre possíveis significações de *grimoire* no poema, é necessário saber que, em francês, o termo *grimoire*, sem equivalentes em dicionários brasileiros, significa, segundo o Littré (1958)⁴:

1. O livro dos bruxos para evocar os demônios, etc. [...] *Houve livros em que os mistérios dos bruxos estavam escritos; vi um no qual desenharam bem mal um bode e uma mulher de joelhos atrás dele; chamavam esses livros de grimoires na França e, em outros lugares, o alfabeto do diabo. VOLT. Dict. phil. Bouc.[...]* Fig. Saber o *grimoire*, escutar o *grimoire*, ser hábil naquilo em que nos envolvemos [...]

2. Fig. e familiar. Discurso obscuro, escrita difícil de se ler [...]

Já foi feminino: Mas encontro em minha *grimoire* Que a fé nunca o abandonará [...]

Diez pensa que a palavra vem do antigo Alemão *grîma*, espectro. Mas a forma antiga da palavra, que é *gramaire*, *gramare*, não a aproxima de *grîma*. Génin identifica uma variação da palavra *grammaire* (gramática), tendo sido a gramática considerada como um livro de ciência oculta no qual lia-se para evocar o diabo. Schleler observa o radical *grimer*, que significa rabiscar (*griffonner*); mas assim como para *grîma*, a raiz é *gramare* e não *grimoire*; *grimoire* só aparece no século XVI, tendo passado por *gramoire*. Desse modo, é melhor seguir a forma vinda de *gramare* do baixo-latim *gramma*, letra; de letra, pode-se passar para o sentido de *grimoire*.

³ Essa tradução essencialmente semântica visa somente dar para o leitor elementos mínimos para a compreensão do texto.

⁴ A escolha do dicionário Littré deve-se ao fato de esse dicionário ser, segundo Chassé (1954, p.169), “[...] o livro que seguramente exerceu sobre Mallarmé a mais profunda influência.”

Como Mallarmé é um poeta que mergulha com freqüência na etimologia, pareceu importante não apenas referir-se à compreensão de *grimoire* como “livro dos bruxos”, ou como “discurso obscuro e escrita difícil”, mas remeter à sua etimologia – gramática, por sua vez compreendida como “letra”, como “livro de ciência oculta” e como metalinguagem, lugar de desenvolvimento de um discurso sobre a própria linguagem.

Com efeito, Mireille Rupli e Sylvie Thorel-Cailleteau (2005) desenvolvem um longo estudo em que demonstram que Mallarmé estabeleceu uma relação etimológica entre os termos *grimoire* e *grammaire*; sendo, para ele, o primeiro uma variante do segundo. Conforme as autoras, essa etimologia está na origem de uma tríade ortografia-grimoire-Literatura, baseada na idéia de que a gramática trata das relações entre as letras e as palavras (RUPLI; THOREL-CAILLETEAU apud GAULIN, 2005). O *grimoire* seria, assim, o espaço no qual se conjugam os signos e são esses agrupamentos que engendram os versos. Segundo esse princípio, a voz do poeta não viria do alto, mas do baixo, da própria matéria da linguagem. Caso se possa falar de uma filosofia de Mallarmé, essa se encontraria no próprio *grimoire*, de onde emana a Literatura.

Rupli e Thorel-Cailleteau (2005) também apontam para o fato de que as reflexões de Mallarmé sobre a linguagem estão diretamente ligadas a sua experiência do abismo (*gouffre*), origem de um impasse teológico profundo – que também aparece em *Igitur* e no *Coup de dés* – diante da impossibilidade de um Deus transcendente. Para Mallarmé, a única possibilidade de se produzir uma poética, diante da “impossibilidade de Deus” (o acaso), seria a própria matéria. Trata-se, para o poeta, de produzir “o divino com a linguagem”. Mallarmé (1984, p.46), em *Igitur*, chega a afirmar que “*le hasard était nié par le grimoire*” (o acaso era negado pelo *grimoire*). Desse modo, a ciência e a espiritualidade são fontes complementares, imbricadas, de conhecimento. Chassé (1954, p.21), por sua vez, acrescenta que o interesse pelo misticismo “[...] manifesta-se nas teorias filológicas de Mallarmé e [que] esquecemos com muita freqüência que elas estão na base de sua arte poética.”

A leitura de Bénichou (1995) sobre o início do poema “Prosa” também aproxima o termo *grimoire* da própria escrita poética. Dessa maneira, a “hipérbole vivida” e que abre o poema tem, no *grimoire*, a sua versão escrita (BÉNICHOU, 1995, p.286); o *élan* da hipóbole vê-se preso nas ferragens de um livro, instalado numa obra fixa – “Pois instalo, pela ciência, /O hino de corações espirituais /Na obra de minha paciência”, lê-se no poema. Como nota Bénichou (1995, p.286), aquilo que se instala no poema é, “segundo sua própria frase [de Mallarmé], uma elevação de natureza mística” – hino de corações espirituais. Mais à frente, Bénichou (1995, p.287) conclui: “[...] assim, essas duas estrofes já podem querer dizer, como que pela força das coisas, que é apenas pela linguagem que se pode significar aquilo está além dela.”

As duas estrofes servem, assim, como “[...] uma espécie de lema lírico permanente do poeta e que o poema, como narrativa (*récit*), ilustra.” (BÉNICHOU, 1995, p.285). Vê-se, dessa forma, a importância do termo *grimoire* na obra e no pensamento de Mallarmé. Cabe agora verificar como os tradutores lidaram com o termo.

O poema “Prosa” e as quatro traduções de *grimoire*

Júlio Castañon Guimarães atenta para alguns problemas na tradução de vocábulos do poema “Prosa”, dentre os quais destaca *grimoire*. Segundo Guimarães (2007, p.80):

É difícil encontrar em português um único vocábulo satisfatoriamente correspondente. A tradução de José Paulo Paes [1992] apresenta a solução “cabala invocatória”, enquanto na de Augusto de Campos [1992] se lê “garatuja inglória” (é claro que as escolhas não se fazem apenas no nível do significado vocabular, mas também levando em conta todo o contexto, inclusive a métrica e a rima). Essas duas traduções optam cada uma por um extremo, por assim dizer, do espectro de acepções de *grimoire*. Na minha tradução, “obscura história” procura não se prender apenas ao aspecto físico da escrita, nem direcionar o significado num certo sentido ocultista.

O termo *grimoire* foi, assim, traduzido por “cabala invocatória”, “garatuja inglória” e “obscura história”. Mais recentemente, soma-se a essas propostas a tradução de Joaquim Brasil Fontes (2007, p.153) de *grimoire* por “hieróglifo” que, de alguma maneira, remete mais ao aspecto de termo de difícil decifração, deslocando-o, contudo, para outro contexto simbólico. Nenhuma das tentativas, porém, retoma a noção de gramática e, menos ainda, a complexidade da polissemia que o termo implica. Os tradutores preferiram todos situar-se dentro de certo universo simbólico disponível em português, ainda que isso acarrete um esvaziamento da carga simbólica de *grimoire*.

Guimarães (2007, p.80) ainda retoma o pensamento de Fowlie (1953) e assinala que se deve, no poema, atentar para o fato de que “[...] o uso da palavra *grimoire* acentua a crença de Mallarmé na ausência de acaso na criação de poesia. Trata-se da arte do controle, não importando até onde é misterioso o controle.”⁵ As escolhas tradutórias para o português lidam mal com a idéia de controle, pois nem cabala, nem hieróglifo, nem história, nem garatuja destacam essa idéia,

⁵ Tradução de J. C. Guimarães.

retomando, cada uma de sua maneira, sobretudo, o sentido de dificuldade de leitura e de decifração.

A postura conservadora dos tradutores diante do termo *grimoire* não impediu nem José Paulo Paes, nem Augusto de Campos de, em outro momento do mesmo poema, optar por um neologismo. Como analisa Guimarães (2007, p.81):

A ocorrência na oitava estrofe de um vocábulo científico, “iridéés”, denominação de uma família de plantas, estabelece uma série de nexos. Em primeiro lugar o vocábulo faz parte da virtuosística rima “désir, idéés” / “des iridéés”. Nenhuma das três traduções conseguiu solução equivalente ao original nesta passagem, sendo que José Paulo Paes e Augusto de Campos se valeram da liberdade de criar a forma “iridéias” e estabelecer a rima com idéias, quando a forma dicionarizada é “irídeas” ou “irídáceas”.

Nesse momento, os dois tradutores optaram por uma postura plenamente inventiva, produzindo um neologismo. Assim, diante da necessidade de produzir novos significados, não se ativeram ao horizonte da língua-cultura brasileira, fazendo da tradução um verdadeiro espaço de ampliação das fronteiras imagéticas e semânticas do português.

Com efeito, desde o Renascimento, a tradução tem sido um espaço em que a questão do neologismo se coloca. Por exemplo, Jacques Peletier du Mans (1990, p.243), em 1555, em sua “Arte Poética”, debruçava-se sobre a questão e afirmava que, mesmo que seja temerário para um tradutor inventar novas palavras, “[...] as traduções, quando são bem feitas, podem muito enriquecer uma Língua.” A preocupação de Peletier se deve justamente ao fato de que, à época, o vocabulário do francês expandiu-se consideravelmente devido à invenção constante de palavras por meio da tradução. Essa prática tem feito da tradução um espaço importante de renovação e de crítica não só do léxico, mas das poéticas de outras línguas. Como assinala Meschonnic (1973, p.311):

A historicidade de uma relação de tradução entre dois domínios lingüístico-culturais produz, na língua de chegada, um material semântico e sintático num primeiro momento limitado às traduções, depois fator de desenvolvimento de certas propriedades da língua.

Entretanto, nesse caso, devido a uma certa contenção inventiva dos tradutores brasileiros, ficam algumas perguntas: por que, diante do termo *grimoire*, esses mesmos tradutores não procuraram explorar algumas propriedades da língua e introduziram mais um novo termo, como fizeram com “iridéias”? Não seria possível cunhar um neologismo a partir de *grimoire*?

De *grimoire* a “grimório” ou “grimoria”: a tradução como invenção

Uma primeira possibilidade para o tradutor, caso queira trazer para o português a carga semântica presente no termo *grimoire*, em francês, é cunhar um novo termo – como Augusto de Campos e José Paulo Paes fizeram com “iridéias” a partir da proximidade existente entre os sufixos de *idées* e “idéias”. Nesse caso, pode-se utilizar o sufixo de *grimoire* – presente também em *mémoire* (memória), *gloire* (glória), ou ainda em *oratoire* (oratório), *aléatoire* (aleatório) – e cunhar, em português, “grimoria” ou “grimório”, visto que o termo, em francês, de acordo com o *Littré*, já foi também feminino.

A vantagem na escolha de “grimoria” é, no caso da obra de Mallarmé, sem dúvida, a facilidade da rima perfeita, tão cara a alguns tradutores, pois o uso do termo no poeta em questão, vem, em geral, associado a palavras que rimam com termos como *mémoire* (memória). A escolha por uma das duas opções – “grimoria” ou “grimório” – pode ser também mediada, neste caso, por algumas outras práticas discursivas reveladoras, que lançam outras luzes sobre a questão, para além da ausência do termo em nossos canônicos dicionários da língua portuguesa.

Primeiramente, deve-se notar que, em espanhol, o termo *grimorio* encontra-se dicionarizado. Lê-se no *Diccionario de la lengua Española da Real Academia Espanhola* (2001, v.1, p.1158) o seguinte verbete:

grimorio.

(Del fr. *grimoire*).

1. m. Libro de fórmulas mágicas usado por los antiguos hechiceros.

A proximidade das línguas e a necessidade de trazer para o português a carga semântica e simbólica do termo, talvez, tenha inspirado tradutores de certa literatura mística, nesse caso, menos conservadores do que nossos tradutores poéticos; tento optado pelo uso do termo *grimorio* em português, como se pode verificar no título de, pelo menos, quatro publicações recentes no Brasil⁶. Trata-se, pois, comprovadamente desde 2001, de um vocábulo utilizado em língua portuguesa, contando, inclusive, com o verbete na wikipédia brasileira. Não fosse o caso, poderia ter cabido a um de nossos poetas tradutores cunhá-lo, como fizeram com “iridéias”, pois, como afirma Christine Greiner (2005, p.107-108):

A tradução nada mais é do que a natureza performática da comunicação cultural. É de pequenas articulações do fazer poético que se ergue a história das línguas e das paisagens da migração e das diásporas. Nesse sentido, uma fronteira não é o ponto

⁶ Cf. THIBAUT, 2001; DEBBIO, 2002; KONSTANTINOS, 2003; ZELL-RAVENHEART, 2008.

onde algo termina, mas como os gregos reconheceram, “a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente”, lembra Martin Heidegger.

Enfim, essa breve reflexão aponta para um aspecto importante, e às vezes esquecido, de que a tradução, por seu movimento duplo de aproximação e de diferença, segue sendo um espaço privilegiado para a ampliação das possibilidades imagéticas, simbólicas, retóricas e estéticas das línguas-culturas. Caso o tradutor depare com termos de grande carga simbólica e, aparentemente “intraduzíveis”, como é o caso de *grimoire*, ele talvez não deva se contentar com os dicionários e sim implicar-se num processo de invenção. Invenção essa que não se confunde com o calco ou com o empréstimo fácil, mas com o risco co-medido daquele que se aventura numa zona de fronteira.

FALEIROS, Á. Grimorio: Translation on the Boundaries of ‘Prose’. **Revista de Letras**, São Paulo, v.49, n.1, p.47-54, Jan./June 2009.

- **ABSTRACT:** *This article aims at discussing the translation of the word grimoire, central in Mallarmé’s conception of language, in a poem called ‘Prose’ and its four translations into Portuguese. To do so, it will be necessary, in the first place, to have a closer look at this word and its meanings in Mallarmé’s work and discuss, in a following step, the choices in translation.*
- **KEYWORDS:** *Mallarmé. Poetical translation. Grimoire. Grimorio.*

REFERÊNCIAS

AUSTIN, L. J. Introduction e notes. In: MALLARMÉ, S. **Poésies**. Introduction, établissement du texte, notes, bibliographie et chronologie par Lloyd James Austin. Paris: Flammarion, 1989. (GF Flammarion, 504).

BÉNICHOU, P. **Selon Mallarmé**. Paris: Gallimard, 1995.

CHASSÉ, C. **Les clefs de Mallarmé**. Paris: Aubier, Éditions Montaigne, 1954. (L’Histoire littéraire).

DEBBIO, M. del. **Grimório**. São Paulo: Daemon, 2002.

FONTES, J. B. **Os anos de exílio do jovem Mallarmé**. Cotia: Ateliê, 2007.

FOWLIE, W. **Mallarmé**. Londres: Dennis Dobson, 1953.

GAULIN, M. La grammaire et le grimoire: Mallarmé. **Acta Fabula**, Paris, v.6, n.3, Automne 2005. Disponível em: <<http://www.fabula.org/revue/document1109.php>>. Acesso em: 13 jul. 2008.

GREINER, C. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinares. São Paulo: Annablume, 2005.

GUIMARÃES, J. C. Anotações. In: MALLARMÉ, S. **Brinde fúnebre e outros poemas**. Rio de Janeiro: 7letras, 2007. p.63-103.

KONSTANTINOS. **O grimório gótico**. Tradução de Maria Antonietta Macedo. São Paulo: Madras, 2003.

LITTRÉ, E. **Dictionnaire de la langue française**. Paris: J.-J. Pauvert, 1958.

MALLARMÉ, S. **Brinde fúnebre e outros poemas**. Organização e tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: 7letras, 2007.

_____. **Igitur, ou a loucura de Elbehnon**. Tradução de José Lino Grünewald. São Paulo: Nova Fronteira, 1984.

MESCHONNIC, H. **Pour la poétique**. Paris: Gallimard, 1973. v.2.

NOULET, É. **L'œuvre poétique de Stéphane Mallarmé**. Bruxelas: J. Antoine, 1974.

PELETIER du MANS, J. Art poétique. In: GOYET, F. **Traité de poétique et de rhétorique de la Renaissance**. Paris: Librairie générale française, 1990. p. 221-315.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**. 22.ed. Madri: Real Academia Española, 2001. 2v.

RUPLI, M.; THOREL-CAILLETEAU, S. **Mallarmé: la grammaire et le grimoire**. Genève: Droz, 2005.

THIBAUT, D. U. **Gurps**: grimório. São Paulo: Devir, 2001.

ZELL-RAVENHEART, O. **Grimório para o aprendiz de feiticeiro**. São Paulo: Madras, 2008.